

UM HOMEM QUE DISSE SIM!

Conheci-o na nossa casa, no **Vale de Acór**, que recebe pessoas que bebem em excesso e pessoas que consomem drogas. Era um dia de Verão, a luz do sol defronte da nossa casa fazia do Tejo uma planície, a água estendida sem pregas.

Disse-lhe: - "**e agora?** Tu dizes que não, ao teu filho que não, aos teus netos que não. Para quê a vida e o resto?"

Este homem tinha os olhos baços e era um duro. Conhecia-o do tempo da mágoa e das feridas que nunca fecham. **Os seus sentimentos eram um arremesso e acreditava que das coisas só sobram os restos.**

Insistia com ele - "E agora que o teu filho veio à tua casa e te diz que és tu o pai que nunca teve, que mal te conhece, que estás bem, que estás aqui e agora o que vamos fazer disto? De vocês juntos? Tu queres?"

A probabilidade de construir um futuro parecia nula. As mãos estavam cravadas de azedume, havia demasiado cansaço para descobrir o bem e os outros. A vida dos outros, dos que eles chamavam a sociedade, toldava-lhe o presente. As mágoas para o fazer parar não suportavam a solidão.

Só havia uma possibilidade, a única - "**é o teu filho que precisa!**"! Queres dar alguma coisa? Queres ir à procura? Não me disse nada. Os homens duros são assim. As palavras só têm casa quando por baixo delas está o chão da confiança que as suporta. **Foi a primeira vez que falei com ele, depois de seis meses a falar com ele.**



Fomos a sua casa. Vivia onde a cidade acaba e os tijolos desprovidos de reboco são a decoração da casa de jantar. Mal falou com o filho e foi para uma pequena garagem onde tinha uma serração.

Foi a primeira vez que viu o neto. Devia ter uns quatro ou cinco anos. A criança quase não sorriu e brincava com uma caneta de feltro na mão. Perguntou-lhe o nome e depois ficou parado. **Nunca tinha brincado com uma criança** e não sabia o que fazer com ela. A criança escondeu-se no canto do sofá encardido e não disse mais nada. Ele disse-lhe que tinha uma camisola bonita e depois olhou para mim, quase como que a perguntar o que devia fazer a seguir. O filho também falou pouco.

Murmurou que com mais gente a trabalhar com ele a serração poderia alargar-se e poderia ter mais rendimentos. Mas que não tinha dinheiro para pagar a empregados. Foi tudo demasiado rápido, precipitado, **via-se que ali escorriam feridas a céu aberto** que só com a presença de alguém de fora se poderia amenizar. Este homem não disse nada durante a viagem de volta a casa. Esteve sempre calado e depois de jantar, já de regresso à nossa 'casa' pediu para ir de imediato para a cama.



Mais tarde quando a água do Tejo era uma rosca viva em fúria, veio falar comigo. **Foi a primeira vez que o vi chorar.** As lágrimas eram folhas a deslizar.

- "**Gostava de fazer alguma coisa pelo meu filho!**"

A situação do filho era muito difícil, a mãe do neto tinha desaparecido e era muita a responsabilidade. Via-se que tinha grandes dificuldades. A casa não tinha acabado ainda de ser construída. Viu que no quarto do neto a cama onde dormia tinha ripas em madeira que nem sequer ainda tinham sido pintadas. Percebia-se uma tristeza no olhar do seu filho, com pouco à vontade com o pai e havia lugar a muitas desconfianças.

- “É altura de começares a visitá-lo, não?”



De quinze em quinze dias começou a ir a casa do filho. Estava sempre contente por partir. Dormia na sala, no sofá encardido e ao sábado começou a ajudar o filho na serração. Gostava muito de o fazer.

Não queria que o filho lhe desse dinheiro pelo trabalho e começou a pintar as ripas da cama do neto. Para ter dinheiro para pagar a tinta, diminuiu a quantidade de cigarros que fumava por dia. Tinha orgulho em ser capaz de fazer isto e assim o filho não gastar dinheiro.

Era uma maneira que tinha para lhe dizer que queria começar a pertencer aquela casa. Tinha muita dificuldade às vezes em falar com eles, mas na segunda-feira quando regressava a ‘casa’ falava sempre destas coisas. Era preciso fazer mais. **O filho, o neto eram o rosto da sua vida.** Ali debaixo existiam pessoas que ele começava a amar. Quando se adivinha o rosto, procura-se o encontro que nos realiza. **Ali estava tudo – o bem de que ele era capaz de fazer.**



- “Porque não te inscreves num Curso de Formação Profissional e começas a tirar um curso de serralheiro?”

Começou a frequentar o curso. Na sua cabeça tinha um objetivo: saber da profissão para no futuro trabalhar e viver com o filho. Gostava muito de o ajudar, expandir o trabalho e ficar com eles. **Era o seu grande projecto de vida,** aquilo onde se poderia realizar. Lutava por isso e durante seis meses foi para o Curso. Custava-lhe muito, a escolaridade era básica, não tinha habilidade para as letras. O curso era muito prático, mas a parte teórica deixava-o petrificado. Não tinha jeito e ficava confundido. Muitas vezes à noite, pedia a alguns rapazes para o ajudar nos trabalhos de casa.



- “Este ano não fazes a colónia de férias cá da ‘casa’ com as crianças?”

Todos os anos a festa é grande. As crianças juntam-se na praia por dez dias. Há crianças deficientes, de bairros pobres, órfãs, muitas que vivem em condições muito difíceis. Ele faz de monitor durante este tempo. Acompanha-as à praia, dá-lhes de comer, brinca com elas, escuta-as. Durante este tempo percebeu em que situações vivem, as dificuldades que têm, o sofrimento em que se escondem. Gosta imenso deste período. No último ano levou o seu neto consigo. Foi a primeira vez que esteve mais tempo com ele, que o chegou a perceber melhor. Sentiu que ali estava o seu sangue, que lhe escorria qualquer coisa que era de si.

Este encontro que fez com estas crianças marcou-o muito. Pediu mais tarde para começar a fazer voluntariado. Visita um orfanato onde acompanha crianças deficientes, estando com elas duas vezes por semana à tarde. Ajuda-os na alimentação e nas necessidades básicas de higiene. Com as crianças que se conseguem mover com facilidade, organiza pequenos jogos de recreio e jogos de futebol de salão. **Fala disto quase com vaidade e para ele é um enorme gozo quando chega ao orfanato e as crianças começam a berrar pelo seu nome.**



Trabalha na serração. Praticamente é ele quem a gere. Trata com os fornecedores e vai a casa dos clientes. O filho às vezes fica muito doente, têm grandes problemas respiratórios e passa semanas de cama. O pó da serradura incomoda-o muito e cria-lhe irritações quando vem o calor. É ele também que trata do neto. Leva-o muitas vezes à escola e acompanha-o nos trabalhos de casa. Uma vez por mês traz uma criança do orfanato para passar o fim de semana com eles.

Gere o dinheiro sempre com grande parcimónia, conseguiu até já comprar alguns móveis para a casa. O filho agradece-lhe muito. Aos domingos de manhãzinha vão à pesca e oferece ao orfanato quando as quantidades são muitas. Fala da sua vida com um grande empenho. **Em tudo o que faz deixa um lastro de força e determinação,** como se tudo se cruzasse nesse ponto.



Hoje, todos os meses conversamos. Telefona às vezes. Existem coisas que lhe são ainda muito difíceis de falar. Fala sempre delas. Das derrotas e das vitórias da sua vida. **Tem medo de alguma vez perder tudo isto.** Vai em frente e sabe que o que está em frente, é tudo do que é capaz. Amar o filho, amar o neto, amar o trabalho que faz na serração, amar as crianças que continua a visitar, é realizar o grande gesto.

Hoje a vida dele tem um recomeço. Também tem um fim. As pessoas, os homens que passam por ali. Todos eles valem, todos os que passam por ali. Por ele. Ele não é uma coisa, um pedaço de resto do que ficou algures. Diz-me isso com uma infinita alegria. O desafio é dizer SIM. E o sim é infinito. É sempre novo.

JORGE ALMEIDA (TERAPEUTA)